



Diretor- Redator-Chefe: Sebastião A. B. de Carvalho (ABI)

Vice-Diretora: Rosa Maria Werneck Rossi de Carvalho

**DIVULGANDO A LITERATURA E AS ARTES PLÁSTICAS**

ANO: 03

NOVA FRIBURGO RJ, 2 de março de 2016

Nº 16

## A Fazenda do Cônego, colonial, existe muito antes da fundação de nova friburgo. É Patrimônio Nacional.



**N**os agradáveis vales da Fazenda do Morro Queimado, estabeleceu-se Nova Friburgo. em 1820. nas vizinhanças de outra aprazível propriedade, a Fazenda do Cônego, ambas conhecidas e visitadas



pelos famosos garimpeiros Manoel Henriques, o Mão de Luva, (\*). Segundo conta em seu Relatório o Sargento-Mor, Pedro Affonso Galvão de São Martinho, militar que prendeu Mão de Luva e seus companheiros, em 1786, a Fazenda do Cônego era uma das rotas pelas quais se fazia o contrabando do ouro do Descoberto do Macacu (Cantagalo) para o Rio de Janeiro. Há cerca de 9 anos, parte da sede da Fazenda do Cônego foi demolida pela prefeitura de Nova Friburgo, para ali construir a escola municipal Miguel Raymundo de Moraes Bittencourt. Alegou-se na época que era o único local de que dispunha o poder público para tal fim. Assim, destruíram parte do patrimônio histórico do Brasil Colonial!

Agora, resta parte dessa herança, cuja foto ilustra esta matéria, mas que precisaria ser protegida e aproveitada culturalmente. Com a palavra os nossos historiadores, homens públicos e intelectuais.

Foto: Escola construída no terreno da sede da fazenda.

\*Ver: "A Odisseia de Mão de Luva" [www.nitcult.com.br/odisseia.pdf](http://www.nitcult.com.br/odisseia.pdf) -pág. 87.

## Mensagem do Diretor do Jornal Cultural



Jornalista Sebastião A.B. de Carvalho

### Patrimônio Nacional: Fazendas de Morro Queimado e do Cônego

**H**istoriadores, jornalistas e curiosos que se interessam por Nova Friburgo costumam abordar esta região somente a partir de quando aqui foram fixados os colonos suíços, como se tudo tivesse começado a partir daí. Todavia, Nova Friburgo não apareceu, assim, do nada! Há todo um grande arcabouço que lhe antecedeu, fazendo parte da história do Brasil Colônia, e precisamente na região em tela, havia duas fazendas importantes: Morro Queimado e Cônego.

Importa notar que essas terras eram bem conhecidas do célebre garimpeiro Manoel Henriques, o Mão de Luva, desbravador da região que pertencia a Cantagalo, de onde foi desmembrada Nova Friburgo.

A Fazenda do Morro Queimado foi justamente onde os colonos suíços inicialmente se localizaram. Depois foram partindo para o norte, aproveitando-se de benesses governamentais, o que lhes garantiu a posse de terras adequadas ao cultivo e à criação. Terras mais planas e de clima menos frio, e onde já se cultivavam cereais com uso do trabalho escravo.

Essas terras doadas aos colonos foram as mesmas “datas” criadas após a expulsão de Mão de Luva. Tentaram, antes, reerguer a mineração, sem bom êxito, razão pela qual partiram para a agricultura, redundando, finalmente, na próspera lavoura cafeeira. Os colonos suíços aproveitaram a oportunidade de terras e escravos, construindo poderosas fazendas, que lhes proporcionaram riqueza e poder.

Já a Fazenda do Cônego, caminho natural para a Serra de Cachoeiras de Macacu, foi usada por Mão de Luva e seus associados, no contrabando do ouro proveniente do Descoberto do Macacu - Cantagalo. Era uma das rotas percorridas pelas “frotas”, para se chegar ao Rio de Janeiro, segundo relato oficial da época, reproduzido no livro “A Odisseia de Mão de Luva”, na página 87.

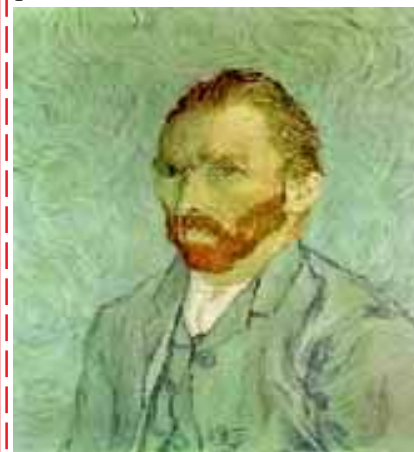
“Esta Fazenda do Cônego é mencionada em documento oficial produzido na década de 1780 dando conta de que uma das rotas usadas pelos contrabandistas de ouro dos Sertões do Macacu, os companheiros de Mão de Luva, passava justamente pela referida propriedade, como mostra o seguinte relato, constante do Relatório de São Martinho, ao pé de um mapa estatístico sobre o ouro encontrado no Descoberto:

**“Não se achou mais ouro porque as frotas (como elas se chamavam) de que era condutor João dos Santos, pela picada de Paraíba, e a outra dos Lopes, pela picada de Macacu, que passa pela Fazenda deixada do Cônego, saíram pela Semana Santa para o Rio de Janeiro.”**

Até hoje se mantém conservada parte da sede da Fazenda do Cônego, situada no coração do bairro do Cônego. Leia o livro, acessando:

[www.nitcult.com.br/odisseia.pdf](http://www.nitcult.com.br/odisseia.pdf)

## Vincent van Gogh, mestre na pintura e na filosofia...



Estamos assumindo o extraordinário artista plástico VINCENT VAN GOGH como patrono de nossos trabalhos no âmbito das letras e das artes, tendo em vista não só a sua notável obra material, mas também o legado de suas considerações expressas em várias oportunidades, mostrando tratar-se de um Ser de alta envergadura espiritual.

### Pinturas de Vincent van Gogh

#### Trechos sobre o trabalho de Van Gogh

A brilhante obra de arte do Mestre post-Impressionista holandês Vincent Van Gogh (1853 – 1890) impactou poderosamente incontáveis movimentos artísticos. Produzindo todos seus trabalhos numa década, sua produção em apenas um ano, totalizou 150 pinturas e desenhos. Van Gogh pintou ao ar livre com um talento especial para capturar as sutilezas da luz noturna e das sombras. Ele sofreu por toda a vida, de doença mental, mas criou muitas de suas obras maiores, estando internado. Embora tenha vendido apenas uma pintura durante a vida, Van Gogh perdurou como um dos mais influentes artistas do último século.

Japonisme, ou Japonism, é um termo francês que foi primeiramente usado por Jules Claretie em seu livro *L'Art Français en 1872*. Refere-se à influência da arte japonesa na arte ocidental. Em 1854, o Japão reabriu o comércio com o ocidente, e as artes japonesas, inclusive fans, porcelanas, woodcuts, e screens foram introduzidas em alta escala na Europa, notadamente na França e na Holanda. A Feira Mundial de 1862 na Europa despertou ainda mais atenção para a arte japonesa. Durante a exposição ukiyo-e, nos anos 1860, gravuras japonesas em madeira tornaram-se muito populares e uma fonte de inspiração para muitos artistas impressionistas e post impressionistas no ocidente, incluindo-se [Monet](#), [Degas](#), [Gauguin](#) e Van Gogh.

A arte japonesa, especialmente a talhada em madeira passou a exercer grande influência em Van Gogh. Quando Van Gogh mudou-se para Paris, em 1886, foi introduzido ao Impressionismo e também explorou o Japonismo. Van Gogh admirava o desenho forte, as cores intensas e as áreas lisas, de pura cor, e também apreciava as simples e elegantes linhas.

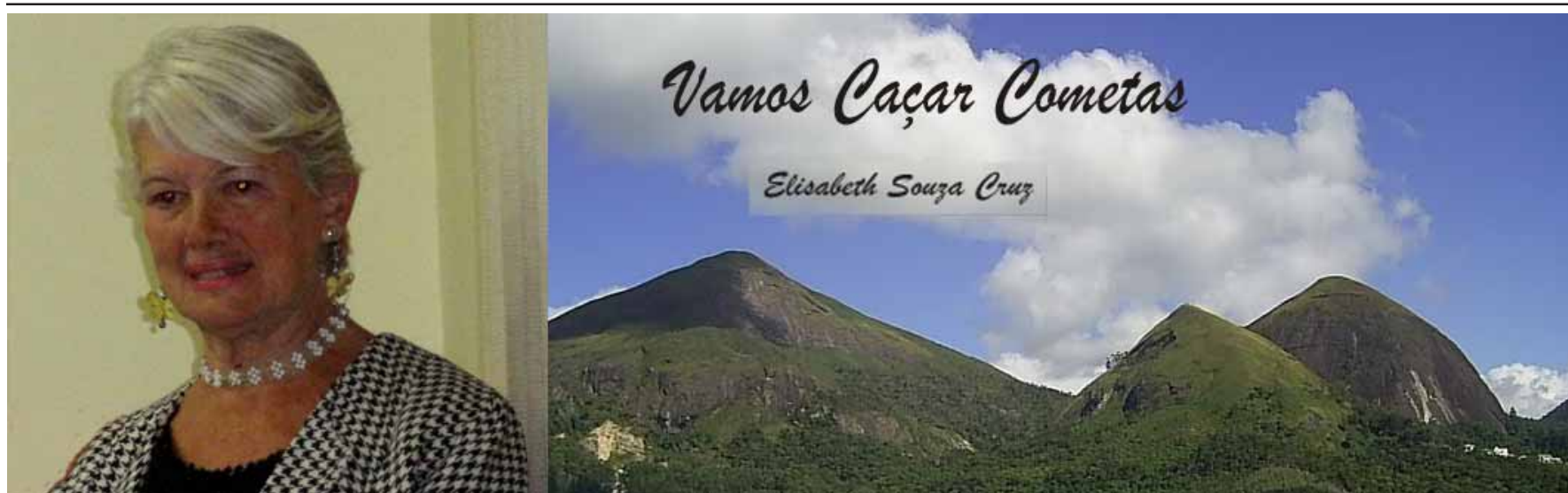
O irmão de Van Gogh, Theo, dirigia uma galeria de arte em Montmartre onde Vincent foi colocado em contato com ukiyo-e. Seu apartamento estava também colado à Galeria Bing, onde o proprietário, Samuel Bing tinha milhares de gravuras japonesas para venda. Van Gogh passava muito tempo na galeria, admirando e estudando... **(Continuará...)**

(Traduzido e condensado de Van Gogh Gallery of Art por SABC)

### Um quadro de van Gogh

Vincent van Gogh - óleo sobre tela. Campo de Trigo, com Ciprestes, 1889





## Uma joia diferente

No princípio do ano, recebi o convite para uma festa de 15 anos. A primeira coisa que vem à mente é como presentear uma jovem que já tem tudo de bom e de melhor. Na semana que antecedia o evento, estive em uma loja, na esperança de conciliar a compra de um presente com o meu saldo bancário. É sempre a preocupação de querer agradar, mas, acima de tudo, de não desfalcas as finanças, que andam muito arredias. Até porque o prazer de quem convida é receber os convidados. Ninguém pense que as pessoas fazem festa para ganhar presentes, pois, seria muito mais econômico e menos preocupante adquirir tudo o que se almejava ganhar.

Atualmente, as festas ganharam o brilho do profissionalismo e há empresas que cuidam de tudo para que o aniversariante e os “patrocinadores” fiquem satisfeitos e mais ainda, os convidados. Ainda sobre a compra do presente, vale ressaltar que as pessoas têm adotado o recurso de levar apenas uma “lembrança”, que marque a ocasião, sem desfalcas o bolso. Toda essa introdução vem de encontro ao relato que passo a oferecer aos leitores, sobre a experiência, durante a comemoração, e que ilustra bem que a presença é o presente mais importante.

A festa estava impecável. No bolo, a vela de 15 anos, esperando os parabéns, era sinal de luz acesa na emoção. O ambiente reluzia a mocidade numa beleza singular. Desde os guardanapos, com monograma da aniversariante, ao requinte das mesas vestidas em toalhas de cetim bordado, tudo era um luxo além da imaginação. Arranjos florais e luzes de efeito ornamental davam ao salão um ar de país das maravilhas... A mesa farta, com doces decorados, doces em calda, caldas de todas as espécies, era um convite tentador à quebra das dietas.

Nada havia naquele salão que não refletisse os sonhos de uma debutante. Os convidados pareciam reis magos levando presentes, cada qual mais suntuoso. Engraçado que, diferente do que se usa na atualidade, a aniversariante abria os pacotes na presença de todos e, a cada um, agradecia como se fosse a melhor coisa do mundo.

Não posso deixar de descrever o traje da aniversariante. Diante de tanto luxo, o vestido até que estava muito simples - um corte reto, realçando as linhas do futuro corpo de mulher. Entretanto, toda a simplicidade do vestido era em razão de não roubar o realce de um aplique de flores do campo à altura do ombro direito.

Em meio a tanta magia, não se podia supor que pudesse alguma coisa acontecer contrária ao êxito. Lá pela meia-noite, um pouco antes da valsa, eu senti um ar de imprevisto, um zum zum zum meio abafado, olhares inquietos, gestos de apreensão por parte dos mais chegados.

E a coisa foi ganhando tal espaço que chegou aos meus ouvidos, o comentário de que a debutante estava aos prantos, porque o aplique de flores do vestido caíra em

vista de tantos abraços. Ainda em cochichos, ouvi dizer: “se alguém tivesse um alfinete resolveria o problema, mas quem há de ter um alfinete nesta hora?”

Como voluntária convocada para defender causas menores, eu fui até o toailete onde se desenrolava o drama e falei:

- Ouvi dizer que precisam de um alfinete! Eu tenho um aqui na minha bolsa!!

Meu simples gesto de oferecer um alfinete fez com que a festa voltasse ao brilho e, na sequência, a valsa e os parabéns foram marcantes, porém, antes de cortar o bolo, a aniversariante pediu para dizer algumas palavras e começou:

- Meus queridos pais... Sei que fizeram o melhor para que eu ficasse feliz e... conseguiram! Meus queridos, convidados, amei a presença de todos vocês e os presentes que trouxeram, todos, me encantaram muito. Porém, o presente mais significativo, o mais importante, o mais caro que ganhei nesta noite foi um alfinete! Eu agradeço muito a quem me deu um alfinete!! Foi lindo!! Foi a joia desta noite!

Diante da emoção da aniversariante, eu percebi que um simples alfinete pode ter o brilho de uma joia valiosa e que, na vida, de acordo com a prioridade iminente de um momento, qualquer insignificância passa a ser a coisa mais importante para nós, mesmo que seja apenas... um alfinete!

## O valor das pequenas coisas

*Sebastião A.B. de Carvalho*

**V**ivemos ligados às grandes e importantes coisas, que nos impressionam por sua grandeza e valor monetário, causando admiração aos outros e assim fazendo com que também nos apreciem, se logramos possuí-las! Valemos pelo que possuímos, seja material, como um automóvel ou intangível como um cargo importante.

Há, todavia, inúmeras coisas e situações, pequenas e simples, que tornam a vida mais plena e feliz, sem que atentemos para o seu valor. Vai desde objetos úteis a simples ações do nosso cotidiano, que usamos ou vivemos, desfrutando-as mecanicamente, automaticamente, na rotina que nos poupa de sacrifícios físicos e mentais.

Felizmente ocorrem momentos em que percebemos a importância dessas pequenas coisas ou situações. E isso nos enleva e faz nascer em nós a necessidade de agradecer a Deus por todas essas dádivas, que, sendo pequenas, representam uma Grandiosidade que mal compreendemos, pois refere-se ao Grande Mistério da Vida, que está continuamente nos desafiando a nele penetrar...

Sim, nos desafiando a nele penetrar, a desvelar o que está oculto na simplicidade e na complexidade, no infinito da existência que compreende muitas vidas, na Grande Viagem que empreendemos, com a Terra, este belo planeta, voando em alta velocidade por este Universo Infinito, que abriga tantos incontáveis planetas e estrelas!

Sim, tantos incontáveis planetas e estrelas!



## DE EDGAR FAURE A EDGAR MORIN

Educadores, formados ao final dos anos sessenta, conheceram o relatório Faure, resultado dos trabalhos da comissão internacional da UNESCO para o desenvolvimento da educação, criada em 1971. Soavam bem aos ouvidos os nomes dos integrantes da comissão como Felipe Herrera, do Chile, Abdul-Razzak Kaddoura, da Síria, Arthur Petrovski, da URSS e Frederick Champion Ward, dos Estados Unidos, representante da Fundação Ford.

Surge o relatório denominado “Aprender a Ser”, considerado por Jean-Pierre Clerc como a obra que preparava o choque do futuro. (Clerc, 1972).

Na visão de René Maheu, até então, não se produzira um inventário definindo a educação atual de acordo com uma concepção tão global tendo em vista a educação do futuro. E, esse futuro, percebe-se perfeitamente, como o final do século XX e início do século XXI, na concepção do governo francês, ao convidar Edgard Morin através de um interlocutor, Claude Allègre, no dia 15 de novembro de 1997, para organizar um grupo de especialistas capazes de rever as grandes linhas das ações humanas. (Morin, 1999).

O relatório Faure inicia seus trabalhos poucos anos após a tomada da Sorbonne pelos insurgentes da primavera de Paris, dada a insatisfação, sobretudo da juventude, com os sistemas de ensino da época, seus modelos e métodos. A comissão entende, portanto, ser tarefa imediata dos países de todos os mundos, conforme a classificação do desenvolvimento (primeiro, segundo e terceiro mundo), mergulhar na análise e síntese dos principais problemas porque,

*“onde quer que exista um sistema educativo tradicional, de há muito experimentado... este sistema suscita uma avalanche de críticas e sugestões que chegam até, freqüentemente a pô-lo em causa, no seu conjunto”.*(Faure, 1972 a).

As grandes falhas na educação ou as “grandes sombras” que cobrem o mundo agravam as disparidades econômicas, impedem ascender a níveis de bem estar, de instrução e de democracia. As transformações exigem ações mais abrangentes e profundas, nada semelhantes a ações meramente filantrópicas.

Outra preocupação para a comissão nas relações entre os países desenvolvidos e os menos desenvolvidos era o binômio “brain-drain”, essa espécie de drenagem de “cérebros”, pessoas mais capazes que acabam migrando para os países mais desenvolvidos, abandonando as áreas mais necessitadas pela acanhada evolução das mesmas.

Este relatório escrito já dentro da era da comunicação, após várias obras de Herbert Marshall McLuhan revolucionando esses meios, definindo o *meio como sendo*

*a mensagem*, certamente considerou “os meios de comunicação como extensões do homem” onde McLuhan expõe de maneira clara seu humanismo da era eletrônica. Para ele não era absurdo considerar um Shakespeare antevendo a televisão como em Romeu e Julieta:

*“Mas veja! Que luz é aquela, que passa pela janela? Ela fala – e não diz nada”.*  
(McLuhan, 1964 a).

Ou ainda, diante da crescente consciência que se passa a ter da ação dos meios, independente de seu conteúdo, quando apresenta uma quadrinha de autor anônimo:

*“No pensamento e (nos fatos) de hoje  
Tudo induz e conduz ao ato e à ação,  
De forma que só é digno de elogio  
Falar da queda e não da contusão”.*  
(McLuhan, 1964 b).

O entretenimento através dos meios de comunicação da época: cinema, rádio e TV levam a comissão que produz o relatório Faure a entender o rádio e outros meios de comunicação, muito mais como canais para entreter que, propriamente, para ensinar e educar, permitindo a existência de enormes fossos entre países e dentro dos próprios países.

É, de certa forma, incrível constatar que este relatório fala de maneira tão atual sobre reformas do ensino, propondo a “cidade educativa”. Aproximação da escola à vida das pessoas e à necessidade de se compreender o mundo nas suas múltiplas formas de oferecer oportunidades de conhecimento, fazem parte das considerações preliminares do próprio relatório.

Recordo-me, com tristeza, de alguns fatos que presenciei numa cidade do interior do Brasil quando uma Secretária Estadual de Educação usando a linguagem macluhaniana de comunicação e o princípio do relatório Faure propôs que se “fizessem a praça” dentro das escolas, na esperança de que a mensagem de aprender com a cidade e o meio que tem muito a oferecer, fosse assimilado. Nada disso aconteceu. O que vi, naqueles tempos, em torno de 1975 foi a pilhéria, a transformação dos espaços escolares em terreiros de festa junina sem a devida percepção que se podia aprender com aquelas pessoas, sejam os músicos da banda, sejam os saltimbancos, sejam os engraxates. Estávamos há mais de dez anos das obras de McLuhan e há três anos da publicação do relatório Faure e muitos colegas meus já tinham lido “O choque do futuro” de Alvin Toffler. (Werneck, 1987).

CONTINUARÁ...

# Os Invólucros do Ser

OBRA de mahabhutani e indrananda, inspirados por sri ramana maharshi - aqui publicada em capítulos mensais

## 11. IMORTALIDADE

Os homens vivem buscando a Imortalidade no plano físico, mas ela só existe quando se conjuga o físico com o imaterial!

Além, muito além, no Infinito Cósmico, imantado por energias, o Iluminado, o Ser Puro, é Imortal.

Pobre do homem, que desconhece a si mesmo! Anseia pela Imortalidade, teme a morte física e psíquica, e busca, com sua tosca ciência, vencer os obstáculos plantados por ele mesmo em sua mente desordenada!

Preso às suas teorias, a uma metodologia tacanha, o cientista se enreda cada vez mais em dificuldades conceituais, que o afastam da Realidade!

Mas como é simples a questão, quando colocada no devido lugar!

Pobre do homem, que desconhece a si mesmo! Anseia pela Imortalidade, teme a morte física e psíquica, e busca, com sua tosca ciência, vencer os obstáculos plantados por ele mesmo em sua mente desordenada!

Preso às suas teorias, a uma metodologia tacanha, o cientista se enreda cada vez mais em dificuldades conceituais, que o afastam da Realidade!

Mas como é simples a questão, quando colocada no devido lugar!

Buscar a Imortalidade é o mesmo que chover no molhado!

O homem nunca foi mortal! Simplesmente porque o homem, em realidade, não é o corpo físico, com seus subprodutos psíquicos! Não!

O homem real é o SER, que usa corpos físicos, em muitas encarnações. Esses corpos se desintegram, "morrem", voltando ao pó, de onde vieram, mas o Ser Encarnante, que é o Homem Real, este vive para sempre!

Portanto, buscar a Imortalidade é chover no molhado!...

Quando o indivíduo se livra da ignorância, da ilusão de Maya, descobrindo que não é o corpo, e vence as tentações de Mâra, deixando de se apegar à matéria, -- percebe claramente sua condição de Imortal, identificando-se com o SER, a própria Divindade!

### CONVERSANDO COM O MESTRE



O Discípulo pergunta e o Mestre esclarece

**SOBUHIR**

1- Disc. = Podemos dizer que existem dois tipos de imortalidade?

Mestre = Não! A chamada imortalidade física só é mencionada para argumentações. A única Imortalidade

existente é a do SER! Quando afirmamos que o indivíduo é imortal, estamos nos referindo ao Ser, e não à parte física e psíquica do homem.

2- Disc. = Qual a relação entre Imortalidade e Reencarnação?

Mestre = A reencarnação existe porque o homem real ou Ser reencarnante, é imortal! Como os corpos físicos morrem, tem de ser substituídos, a fim de que outras vidas se integrem ao rosário da Existência, que é infinita!

3- Disc. = Como podemos explicar a Imortalidade do Ser que não mais reencarna?

Mestre = Fora da roda de nascimentos e mortes, devido a ter se libertado do mundo, o Imortal pode escolher permanecer em perpétua beatitude junto à Divindade de Si Mesmo, ou voltar a trabalhar no mundo, através de colaboradores ainda encarnados, para ajudar àqueles que necessitam de esclarecimentos na senda iniciática da evolução consciente.

4- Disc. = Existe relação entre longevidade e imortalidade?

Mestre = Não necessariamente! Longevidade é obtida através de procedimentos científicos, e vale a pena quando é buscada para prolongar uma vida realmente útil à evolução da Humanidade. Já imortalidade não tem que ser adquirida, pois, como foi explicado, é algo que o homem já possui em sua essência, como Ser!

5- Disc. = Há diferença, em relação à Imortalidade, entre um Ser que atingiu à Iluminação e um profano?

Mestre = Sim! O profano é imortal, mas desconhece completamente essa condição. Isto acontece devido à sua ignorância, iludido por Maya. Vive de aparências, irrealidades, inclusive sobre si mesmo! Já o Iluminado, tendo vencido a ilusão, tem plena consciência de sua condição divina, de um Ser superior, transcendido, realmente imortal!

## OS INVÓLUCROS DO SER



Eis mais uma obra póstuma do excelso Guru Bhagavan Sri Ramana Maharshi, que vem ajudando no progresso evolutivo da Humanidade através de um trabalho de esclarecimento iniciático de grande valor.

Este INVÓLUCROS DO SER, que estamos publicando por partes, é um dos mais importantes.

Procure acessá-lo em nosso site, e desfrute de seu conteúdo. PAX!  
www.nitcult.com.br/involucros.pdf



Este jornal convidou o literato e professor ROBÉRIO CANTO para colaborar com este novel órgão de divulgação das letras e das artes de Nova Friburgo. O ilustre acadêmico aceitou prontamente, autorizando-nos ao uso de escritos existentes em seu blog e livros. Continuamos publicando seus escritos...

## Um pássaro perdido

**Foi a solidão que enxotou do beiral da vida, em busca da morte,  
essa andorinha desamparada - Do livro "Um lugar muito lá"**

Com a emoção profissional que o caracteriza, o locutor noticia que um jovem — economista, me parece — se atirou do 9º andar de um edifício, tentando suicidar-se. Como na cidade grande são mais ou menos corriqueiras essa e outras variações da arte de sair deste mundo pela porta da autodestruição, o fato não viraria notícia se não fosse porque, condenado a viver, o Ícaro urbano foi cair sobre um veículo que passava pelo local e acabou não morrendo. Duplamente fracassado, ao tentar viver e ao tentar morrer, o infeliz alcança a notoriedade que lhe seria difícil se simplesmente tivesse conseguido o que viera procurar na megalópole: trabalho.

Vem um rapaz de longe e salta na rodoviária, trazendo na mala, escondidos, algum medo e muita esperança. Um diploma, um nome, um homem. Um a mais, formiga estrangeira no formigueiro febril. O recém-chegado olha e não encontra um sorriso amigo, um olhar solidário, um rosto conhecido. Todos ao redor têm pressa. Homens passam concentrados, preocupados, disparados em busca de dinheiro, de sucesso, de futuro. Estão construindo uma cidade, um país, um mundo e não podem parar e perguntar o nome do moço que chegou agora e traz pouco dinheiro, algum medo e muita esperança.

Entra em escritórios, em lojas, em grandes, pequenas e médias empresas que, infelizmente, não estão precisando de um economista novato. Por que estudou tanto esse moço que agora toma café sozinho nos bares? Para que viajou tanto se está sozinho no banco da praça, fumando seu cigarro? Que ilusão o trouxe e o deixou sozinho na sala escura do cinema, assistindo a um filme banal? O dinheiro vai secando em seu bolso, como água respingada em solo ressecado. Quer visitar um parente, não tem parente; quer conversar com um amigo, não tem amigo; quer abraçar a amada, mas a amada se desfez em meio à multidão.

É possível que ele pense em parar qualquer pessoa na rua, apenas para dizer que veio de longe, está sem dinheiro, ninguém o chama pelo nome, não lhe acenam na rua, não lhe dizem boa noite. O que aconteceria se ele nos parasse? Eu o chamaria de tolo, você o acusaria de louco, o mendigo veria nele um possível concorrente, a polícia o julgaria — com alguma razão — um desocupado, as senhoras pensariam tratar-se de um atrevido e começariam a gritar, as crianças se lembrariam dos conselhos das mães para que evitassem os desconhecidos, os jovens concluiriam estar diante de mais um traficante e ninguém acreditaria neste absurdo: é simplesmente um rapaz solitário, procurando um afeto na fascinante capital.

O estrangeiro está indefeso nas garras do monstro. E desce sobre ele a mais corrosiva das doenças: a imensa, a total solidão. Ser um desconhecido, um anônimo; mais do que um anônimo: um zero à esquerda da multidão. Participar dessa festa, rodopiar ao som dessa música, estar no palco onde se dança esse balé, sem encontrar quem lhe dê a mão e com ele faça par.

Sem poder voltar fracassado, sem poder ficar vencedor, sobe ao alto de um edifício e vê os carros que passam, as miúdas pessoas lá embaixo, toda uma raça sem rosto. Corações talvez generosos, ocultos em peitos trancados. E então se lança de encontro àquele povo que o recusou, de encontro à morte que, irônica, também o recusa.

A muitos terá impressionado a coragem ou a loucura desse homem que, sendo economista, esbanja e joga fora sua própria vida. A outros, parecerá extraordinária na história a intervenção do acaso, que pôs um obstáculo entre o corpo suicida e o chão a que ele se destinava. Mas, o mais importante de tudo é, por certo, o isolamento que um ser humano sofreu durante todo o tempo em que tentou sobreviver numa terra estranha.



Acima de outra força qualquer, foi a solidão que enxotou do beiral da vida, em busca da morte, essa andorinha desamparada e o seu sonho de fazer verão longe de casa.

Ave, *andorinha solidária*, cujo voo é para nós dura lição!  
Ave, *andorinha solitária*, que fura nossa consciência com seu bico frágil!

Ave, irmão desconhecido!  
Pássaro perdido,  
Ave!



## Artista brasileira resgata a arte impressionista de Van Gogh

Rosa Maria coloca sua inspiração a serviço do resgate da beleza, exaltada pelos artistas impressionistas europeus

FAREMOS, aqui, a divulgação da obra de ROSA MARIA WERNECK ROSSI DE CARVALHO, reproduzindo telas por ela pintadas. Apresentamos algumas de suas mais recentes produções, nas quais ela nos oferece um belo visual multicolorido, exprimindo seu amor pela natureza, numa interpretação plena de sensibilidade e técnica.

### GALERIA RM CARVALHO - 7



19x27 - 76 = Amor perfeito



19x27 - 77 = Dálias laranja



30x30 - 79 = Violetas



30x30 - 80 = Praia selvagem



**ROSA MARIA** nunca frequentou curso de desenho e pintura, nem foi precocemente introduzida nas artes plásticas. Simplesmente, um dia, ela resolveu tentar pintar aquilo que estava vendo com sua visão interna! A influência do Mestre Vincent van Gogh faz-se sentir, e ela então se entrega ao trabalho com grande entusiasmo e devoção. No ritmo que a vida normal permite, Rosa Maria faz o seu trabalho!...